

## Viagem à Coreia Popular: imagens e impressões sobre um país bloqueado

Diego Pautasso<sup>1</sup>

José Reinaldo Carvalho<sup>2</sup>

Tiago Nogara<sup>3</sup>

### Apresentação

Entre 3 e 15 de julho de 2019, a convite da Associação Coreana de Cientistas Sociais, compusemos delegação político-acadêmica à República Popular Democrática da Coreia (RPDC) - comumente chamada de Coreia do Norte. Composta por 11 integrantes, avaliamos desde o princípio ser esta uma oportunidade singular para colher impressões e informações acerca do um país, cujas informações nos países ocidentais trazem poucos elementos concretos para seu real conhecimento. No quadro de anti-cientificismo reinante, não surpreende que a proliferação de falsas informações seja uma constante, ainda que sem qualquer embasamento bibliográfico, tampouco de maior contato com as instituições ou o cotidiano da nação em questão. Cientes deste contexto, estivemos, ao longo destes 13 dias, imersos numa experiência marcada por frutíferas conversações com os dirigentes da Associação, assistindo palestras, entrevistando cientistas sociais do país e percorrendo suas principais instalações econômicas, sociais e culturais, no campo e na cidade.

Se, como diz Ortega y Gasset, "*O homem é o homem e a sua circunstância*", certamente um país também depende das suas circunstâncias, ou seja, de sua história, geografia e do contexto geopolítico no qual se insere. É nesse quadro que se entende suas idiosincrasias,

---

<sup>1</sup> Doutor e mestre em Ciência Política e graduado em Geografia pela UFRGS. Professor do Colégio Militar de Porto Alegre. Autor do livro *China e Rússia no Pós-Guerra Fria*, 2010, Ed. Juruá. E-mail: dgpausso@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2393-1903>.

<sup>2</sup>

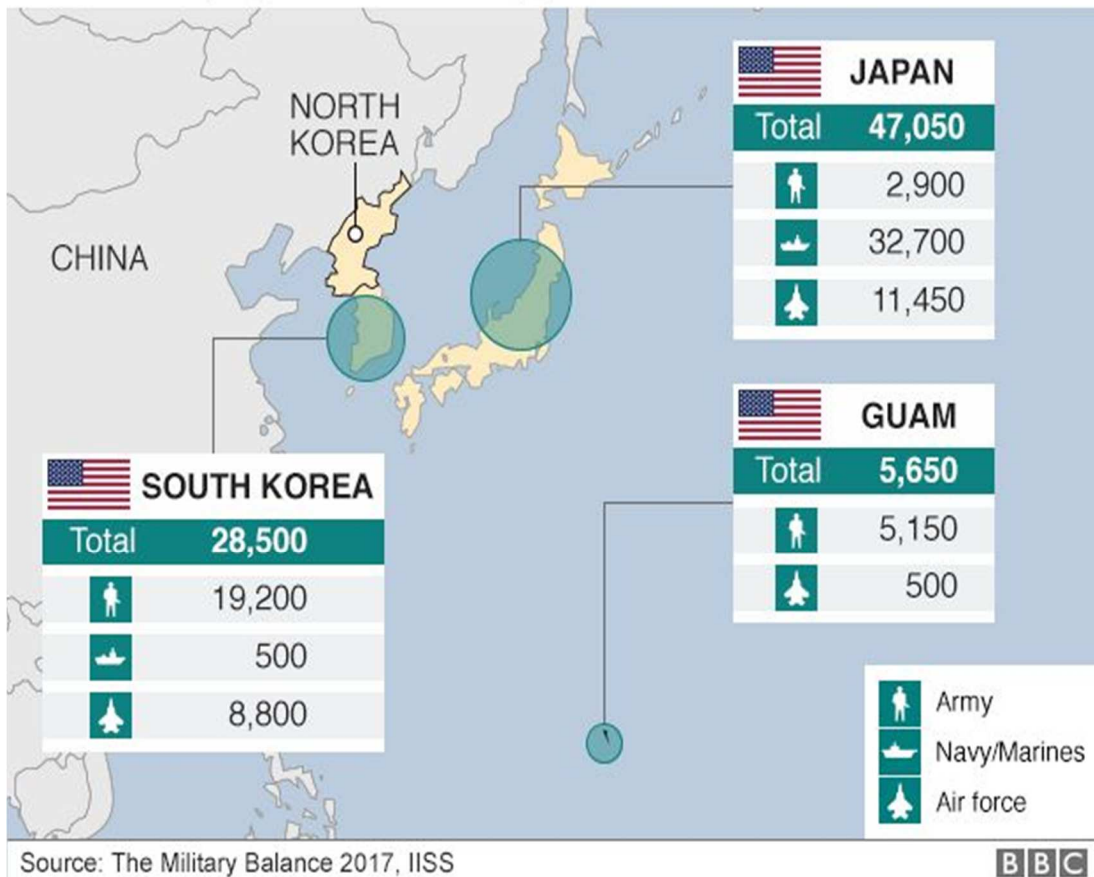
<sup>3</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais (PPGRI), da Universidade de Brasília (UnB).

virtudes e contradições. O caso da RPDC é emblemático, posto que suas trajetórias e condições também são singulares e refletem a aclimação do marxismo à realidade coreana em seu tempo e lugar.

A RPDC somente pode ser compreendida levando em conta estes elementos históricos. Do começo do século XX até 1945, a violenta ocupação japonesa; seguida de litígios e divisões na Península; até o desencadeamento da Guerra da Coreia (1950-53), cujas agressões estadunidenses levaram à completa destruição de sua capital, Pyongyang. Após o reinício da reconstrução nacional, o país passou a se equilibrar entre dois gigantes, diante do cisma sino-soviético, no início da década de 1960. Com o fim da Guerra Fria, grande parte do campo socialista desmoronou, enquanto a China estreitou laços com a economia global para acelerar seu desenvolvimento, numa relação estreita com os EUA. Além de perder, em 1994, o seu grande líder, Kim Il Sung, o país enfrentou a chamada Marcha Penosa, com catástrofes ambientais e sucessivos embargos e sanções. Deve-se ressaltar que, tecnicamente, o país ainda está em guerra, afinal em 1953 apenas foi estabelecido o armistício, e hoje os EUA contam com cerca de 20 mil soldados na Coreia do Sul, realizando manobras militares anualmente com este país, utilizando, por exemplo, aviões B2 portadores de artefatos nucleares. Ou seja, o país enfrenta toda sorte de bloqueio, embargo, chantagem nuclear, cerco militar, etc.

## US forces around North Korea

### Current deployment of military personnel



Enfim, este relato tem a clara noção de que se trata, primeiramente, de uma breve descrição dos locais visitados, com algumas imagens e impressões, além de trazer algumas importantes informações sobre o país. Portanto, não se guia por pretensões acadêmicas, tampouco ingenuidades políticas, dada que toda a visita a um país é um retrato sempre parcial, seja guiado pelo governo ou pelas atrações turísticas convencionais - a maioria das pessoas que vai a Paris, por exemplo, fica na região central, e não nas periferias violentas. Apesar dos limites da empreitada em questão, entendemos que esse relato auxilia a dirimir a imagem estereotipada de um país que enfrenta muitas dificuldades mas está longe de ser um enigma incompreensível.

### Uma visão panorâmica de Pyongyang e do interior

Visitar e percorrer a capital Pyongyang provoca um impacto especial. A metrópole, hoje com cerca de três milhões de habitantes, foi totalmente reconstruída--, com inaudito heroísmo, depois de ter ficado em ruínas pelos bombardeios da aviação estadunidense durante

a Guerra da Coreia. A reconstrução da capital foi um capítulo à parte da história do socialismo coreano e reflete a singular resiliência do país.

Pyongyang é uma cidade moderna - inclusive por não ter nenhum prédio construído anteriormente a guerra -, com amplas avenidas, jardins bem cuidados, monumentos imponentes e a combinação de prédios austeros de influência soviética com as modernas construções coloridas do período atual. A reconstrução de Pyongyang passou por diversas etapas, com cada eixo sendo construído em um contexto, mobilizando as energias do país: desde as primeiras ruas (Sunggni e Chongnyon) nos anos 1950 ao estilo soviético, até as mais recentes ruas (Unha, Wisong, Mirae e Ryomyong) inauguradas sob o governo de Kim Jong Un, nitidamente voltada a revitalizar e modernizar o país.



Unha Street



Wisong Scientists



Mirae Street



Ryomyong Street

Nessa transformação e modernização da fisionomia da cidade, com uma arquitetura arrojada, chama a atenção o hotel Ryugyong, com 105 andares e 330 metros de altura. Esse hotel reflete os diversos sobressaltos e dificuldades do país, pois sua construção sofreu diversas

interrupções mas se concluiu com uma resiliência tipicamente coreana e agora é um dos símbolos da nova fisionomia da capital.



Da mesma forma, impressiona também o Complexo Sci-Tech, em forma de átomo, voltado à pesquisa e difusão científica. Situado às margens do rio Taedong, o complexo abrange 106.601 m<sup>2</sup>, com instalações para leituras eletrônicas, salão dedicado à história do desenvolvimento tecnológico da nação e seções específicas voltadas para as ciências de ponta, básicas e aplicadas. Este centro está sempre repleto de cientistas, técnicos, operários, camponeses, oficiais do exército, estudantes e crianças, de forma a aproximar a população do contato com os princípios e métodos. O conjunto do edifício é adaptado para a captação e utilização de luz solar.



Há uma preocupação com professores e cientistas por parte do governo. As torres abaixo, por exemplo, são apartamentos novos para os docentes da Universidade Kim Il Sung. Isso faz jus, aliás, a um dos três símbolos do PTC, o pincel.





Além das transformações urbanísticas, a ambiência da cidade reflete as particularidades do isolamento e um ritmo de vida distinto daquele impresso pela ordem global. Ou seja, ao invés do frenesi da vida moderna sob a égide do mercado globalizado, há uma cadência diferente que faz refletir sobre os efeitos da modernização e como a absorvemos de maneira acrítica - mesmo aqueles que se autodenominam críticos à esta lógica.

### **A memória histórico-cultural**

A memória cultural e a formação política são, sem dúvidas, marcantes na Coreia Popular. A quantidade de monumentos e museus de excepcional grandiosidade são notáveis. Trata-se de uma política para preservar a história e coesionar politicamente a sociedade, sobretudo num país sujeito a toda sorte de dificuldades externas. Entre os monumentos, podemos destacar o Arco do Triunfo, o monumento ao Partido do Trabalho, a Torre da Ideia Juche, o Arco da Reunificação da Pátria, o Palácio Kumsunsan, onde se encontram os mausoléus de Kim Il Sung e Kim Jong Il, o Museu da Revolução, o Museu da Guerra Patriótica, o Palácio Cultural e Artístico das Crianças, o majestoso Estádio Primeiro de Maio, etc. Aliás, impressiona o Palácio dos Estudos do Povo, monumental biblioteca totalmente informatizada, obras que expressam a peculiar cosmovisão coreana - grandiosa, com perspectiva de futuro e desafiadora em face das próprias dificuldades.



O Arco do Triunfo, por exemplo, edificado em 1982, foi construído para homenagear a independência coreana e a luta revolucionária anti-japonesa. Feito com mais de 10,5 mil blocos de granito branco, com 60 m de altura e 50 m de largura - maior, portanto, que o de Paris. As estátuas de bronze simbolizam o Partido do Trabalho, com a foice (camponeses), martelo (operários) e pincel (intelectuais).

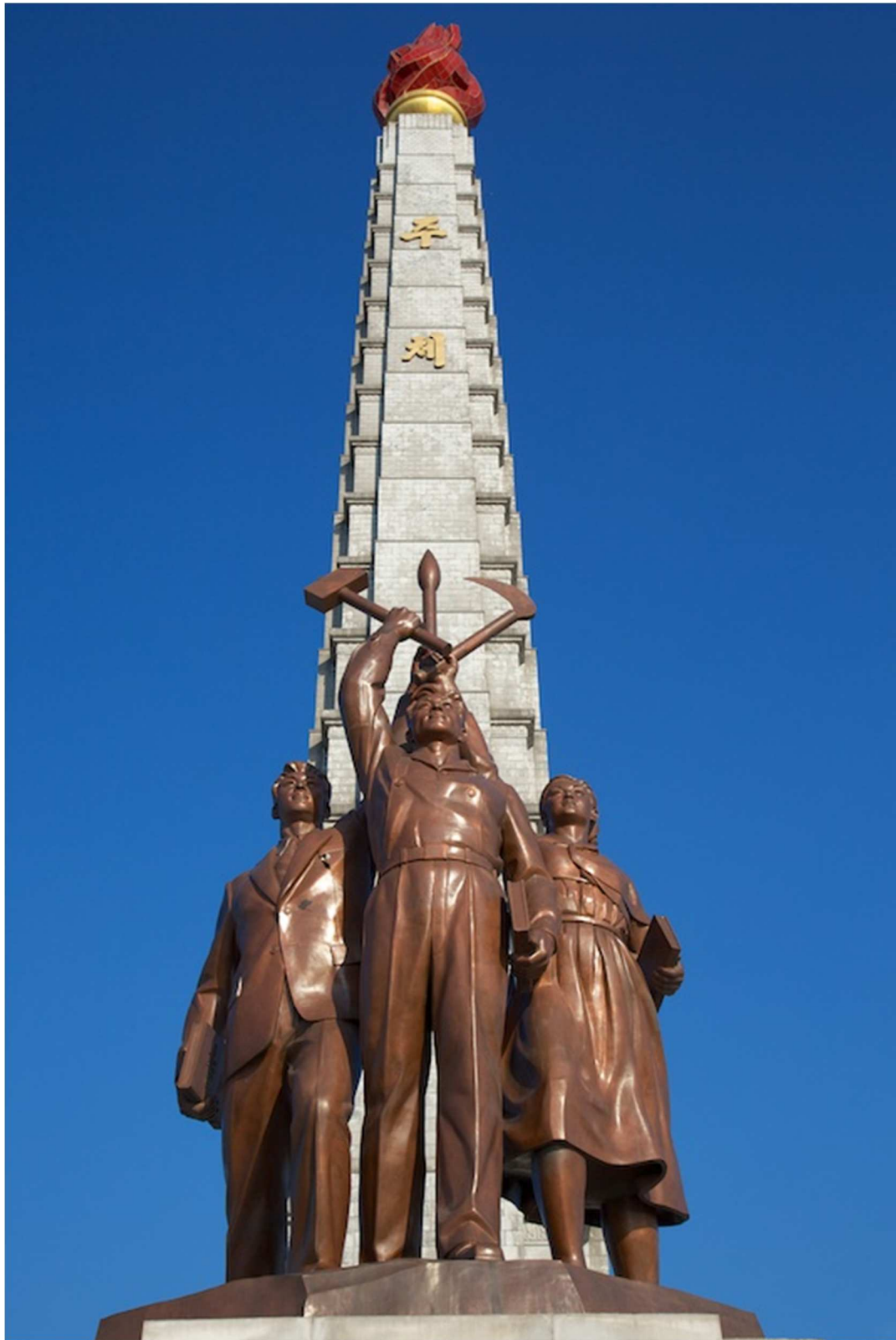


O Museu Histórico da Juventude foi inaugurado em 2016, com mais de 10 mil m<sup>2</sup>. Nesse museu fica evidente como a narrativa nacional centra-se nos 3 grandes líderes, com os seguidos saguões exibindo as imagens dos feitos dedicados pelas lideranças aos jovens coreanos. Basicamente, a história das conquistas da juventude coreana passa sempre pelo filtro do protagonismo de Kim Il Sung, Kim Jong Il e Kim Jong Un, gerando uma tênue invisibilização de lideranças de segundo e terceiro escalões.

Esta prática se repete no conjunto de outras exposições e museus visitados, evidenciando a unidade estabelecida pelo país entre suas conquistas, as lideranças e a vontade popular. Como destaca Losurdo, a concentração de poder nas mãos de uma personalidade e o estado de exceção são intrínsecos a períodos de crises histórica - e essa é a situação permanente do governo de Pyongyang! Lembremos de Cromwell depois da Revolução Inglesa ou Napoleão depois da Revolução Francesa - ou a de qualquer país em estado de guerra.

A Torre da Ideia Juche, e a bela estátua de bronze representando o PTC, ao lado do rio Taedong e de frente à praça Kim Il Sung, tem 170 m e foi inaugurada em 1982. Do seu alto, é possível ter uma visão abrangente da capital coreana.





O Monumento para a Fundação do Partido, com 50 m de altura, está na rua Munsu e foi inaugurada em 1995, marcando o aniversário de 50 anos do PTC.



O atual Palácio do Sol Kumsusan onde estão os corpos de Kim Il Sung e Kim Jong Il era a Assembleia Kumsusan, local de trabalho de Kim Il Sung entre 1976 e sua morte (1994). Posteriormente foi transformado no mausoléu dos líderes e aberto ao público em definitivo em 2012. Oportunamente, visitamos o Palácio do Sol Kumsusan exatamente na data em que se completaram 25 anos do falecimento de Kim Il Sung. Neste dia de luto, presenciamos cerimônia do Partido do Trabalho da Coreia em homenagem ao falecido líder, na qual esteve presente Kim Jong Un e os principais dirigentes do Estado e do partido. Em determinado momento do dia, o disparar de uma sirene iniciou uma homenagem coletiva, na qual a totalidade da cidade de Pyongyang restou em silêncio, em respeito à memória daquele que personificou a revolução de libertação nacional, bem como o processo de reconstrução do país. Longe de transparecer qualquer tipo de temor ou receio diante das lideranças - como propagam os veículos de comunicação mundo a fora -, a população demonstra enorme respeito e devoção à imagem dos líderes, que não são vistos como ditadores, tampouco como políticos profissionais. Pelo contrário: representam o elo indissociável entre a vontade do povo em construir e desenvolver a nação, cujo partido-dirigente guiou a libertação quando em seus tempos mais sombrios, ainda sob a violenta e inesquecível dominação japonesa.



O monumento aos Grandes Generais é outro monumento impactante, formado por duas imponentes estátuas de 20 m de em bronze.



Outra importante visita realizada foi à Panmunjon, fronteira entre a Coreia do Norte e a Coreia do Sul, onde foi assinado o armistício em 1953. Acompanhados de militares norte-coreanos, pudemos observar a linha demarcatória onde constam os postos de observação, nos quais soldados de ambos os países restam frente a frente, divididos por alguns poucos metros. Casualmente, nossa visita ocorreu alguns poucos dias após o grande acontecimento histórico do recebimento de Donald Trump na mesma localidade.





Outro ponto turístico de simbolismo, é a Casa Natal de Mangyongdae onde Kim Il Sung nasceu em 1912 está preservada como original, com utensílios e decoração. Está situada num bonito parque arborizado e recebe muitos visitantes diariamente.



### **A construção econômica sob difíceis condições**

Além de ser um país com graves limitações territoriais - tendo 80% montanhoso, sujeito a estiagens e com um inverno extremamente rigoroso -, há de se considerar os históricos embargos e sanções. Apesar disso, o país tem trilhado um caminho de busca por autonomia - inclusive como forma de enfrentar o isolamento. O fato de não ter aderido ao COMECON diz muito sobre a história e as escolhas inscritas na perspectiva marxiana Juche desenvolvida por seus líderes (tema a ser abordado num próximo tópico). A ênfase na autonomia e independência nacionais diferem a experiência coreana da de outros países que tiveram dificuldades em diversificar suas estruturas produtivas, como Cuba.

As sanções aplicadas à Coreia ascenderam paralelamente ao desenvolvimento de seu poderio militar na área nuclear. Tendo ratificado o Tratado de Não-Proliferação Nuclear (TNP), em 1985, a Coreia se retirou do mesmo em 2003, executando seu primeiro teste com artefato nuclear três anos depois. Na visão dos coreanos, a posse dos artefatos nucleares constitui um elemento central para a manutenção da segurança e estabilidade do país, ao mesmo tempo que lhes brinda um maior poder de barganha diante das grandes potências que constantemente a assediam. No entanto, o peso das restrições impostas pela comunidade internacional ao país é robusto, e, na atual quadra histórica, os dirigentes da nação anseiam por estabelecer acordos para, no médio prazo, enfatizarem o desenvolvimento econômico, a modernização e a elevação do padrão de vida da população, em detrimento da hipertrofia do aparato securitário.

Não por acaso, em junho de 2018 se encontraram Kim Jong Un e Donald Trump em Singapura, num encontro inédito, que lançou as bases para a possibilidade de um futuro acordo. No entanto, apesar do recente encontro dos líderes em Panmunjon - marcado pela primeira visita de um presidente estadunidense ao território norte-coreano -, os avanços seguem obstruídos. Hoje, as sanções afetam diversos setores da economia coreana, restringindo enormemente seu comércio exterior. Dentre as proibições, constam a da comercialização de equipamento militar, de exportação de produtos-chave da economia coreana - como o carvão, produtos agrícolas, minerais, têxteis - e de importação dos mais diversos bens, desde o gás natural até certos produtos de luxo.

Em nossa estada no país, realizamos breve visita à embaixada do Brasil, onde nos foram relatadas as dificuldades encontradas pelos membros da embaixada para receber seus respectivos soldos e as quantias para a manutenção do local: periodicamente, devem dirigir-se para a China, onde sacam o dinheiro - dada a impossibilidade de receber, devido às sanções, transferências brasileiras no território norte-coreano. Logicamente, estas sanções impactam o conjunto da população, e contribuem, junto às dificuldades geográficas da produção agrícola nacional, para explicar as periódicas crises alimentares do país.

O conjunto da economia nacional tem sua ênfase na chamada indústria pesada, compreendendo a mineração, incluindo a extração de carvão, depósitos minerais e outros setores envolvidos no processo inicial da produção, da indústria de energia elétrica e da indústria de processamento, como a metalúrgica, a construção de máquina e os setores químicos. A Coreia do Norte possui grande densidade de minerais por área no conjunto de seu território. Para se ter uma noção, o noticiário francês *Le Monde* estimou as reservas de depósitos minerais do território norte-coreano em cerca de 6 trilhões de dólares, com significativo destaque para minerais como magnesita, calcário, urânio, ouro, chumbo, manganês e cobre. Dentre os



principais produtos de exportação da Coreia do Norte constam o carvão, produtos têxteis não-acabados e moluscos, tendo como principais destinos a China - disparadamente a principal parceira comercial -, o Paquistão e a Índia.

Dentre as visitas, pudemos conhecer diversas fábricas, como a de sapatos Ryuwon, a de fio de seda Kim Jong Suk, a de mochila de Pyongyang e a de cosméticos de Pyongyang. Abaixo o showroom das fábricas.



Primeiro, a obstinação nacional pela autossuficiência, completamente compreensível dentro do quadro de isolamento. Segundo, a clareza dos dirigentes acerca da importância de diversificar a economia nacional, ilustrada, historicamente, pela rejeição em aceitar a divisão do trabalho que o COMECON encerrava. Ora, cabe destacar que essa foi uma das polêmicas acerca da economia cubana, assim como um desafio e dificuldade atual da Venezuela chavista. Terceiro, as fábricas possuem toda uma estrutura para acolher bem os trabalhadores, desde salas informatizadas para estudos e cursos EAD, passando por espaços para esportes (quadras de vôlei, futebol, etc.) e inclusive, em uma delas, apartamentos ao lado para os trabalhadores, com toda a infraestrutura, incluindo piscina aquecida.



Creche na fábrica



Piscina do prédio dos funcionários



Espaço de festas



Quadra de volei

A questão agrícola possui enorme centralidade para a manutenção do bem-estar da população. Detendo menos de 20% de terras agricultáveis, inverno rigoroso e frequentes estiagens (abaixo, consta foto dos rios em pleno verão) a Coreia do Norte enfrentou diversas adversidades até chegar ao atual nível de desenvolvimento de sua agricultura. Logo após a libertação do país, foi realizada uma ampla reforma agrária que ensejou a instalação cooperativas agrícolas por todo o campo (YON et al., 2018). Desde então, enormes têm sido os esforços para o aumento da produtividade, de forma a sanar eventuais problemas de abastecimento de alimentos para as cidades. As dificuldades da produção agrícola se fizeram sentir com mais força na década de 1990, durante a chamada “Marcha Penosa”. Neste período, o país sofreu não apenas com isolamento internacional decorrente de derrocada de substanciais setores do campo socialista, mas também com o falecimento de seu grande líder Kim Il Sung e com calamidades como grandes enchentes, em 1995 e 1996, e um verão de forte seca, em 1997 (VISENTINI et



al., 2015). Estimativas apontam que a fome, gerada pelo conjunto destas variáveis, custou a vida de cerca de 450 mil pessoas, aproximadamente 2% da população (LANKOV, 2013 apud VISENTINI et al., 2015)



### **Universalização dos serviços de utilidade pública**

A grande questão que tem norteado os países socialista é a universalização de serviços de utilidade pública, sobretudo da educação, saúde, moradia e trabalho. Aqui reside uma diferença essencial entre países socialistas, sobretudo com o perfil da Coreia, cujo mercado está precariamente desenvolvido. Diferente dos países capitalistas, onde há aquisição de bens e serviços é predominantemente mercantil, na Coreia estes são gratuitos ou fortemente subsidiados. Isso faz com que haja um descompasso entre renda per capital e padrão de vida, porque o salário nominal não reflete o acesso às riquezas. Ressalte-se que na Coreia não há impostos desde 1976.

O sistema de saúde tem seus serviços ofertados gratuitamente, envolvendo consultas, exames, operações, tratamentos, medicamentos, estadia em instalações hospitalares e cobertura até mesmo da alimentação fornecida nestes estabelecimentos. É dispensada maior prioridade para os métodos preventivos, havendo um mecanismo a partir do qual cada médica fica

encarregada de uma parcela específica da população, oferecendo para esta visitas regulares, consultas, exames e vacinações, ao mesmo tempo em que estimula a higiene e a prevenção de doenças, estimulando o aperfeiçoamento das condições sanitárias do povo. Desde a libertação do país a expectativa de vida da população quase duplicou, sendo àquela época de 38 anos (YON et al., 2018). Visitamos o hospital da Criança Okryu, situado em frente ao Hospital da Maternidade de Pyongyang. Para além de suas amplas instalações físicas, o hospital possui uma sala de teleconsulta que permite o atendimento de mais de 200 pequenos postos espalhados pelo país, otimizando recursos e garantindo ao interior o acesso aos melhores profissionais da área (HYOK, 2017).



Sala de teleconsultas



Decoração



Imagem externa

O sistema educacional coreano é baseado no método heurístico de ensino, desenvolvido sob as gestões de Kim Il Sung e Kim Jong Il, sendo totalmente garantida pelo Estado à população, mantendo seu caráter universal, gratuito e obrigatório. Este sistema, chamado “Sistema Educacional Gratuito e Obrigatório” tem suas origens ainda nos tempos de confronto contra a dominação colonial japonesa. Assim, ainda nos anos 1930 Kim Il Sung

garantiu que as chamadas escolas revolucionárias fossem implementadas no conjunto das áreas rurais dirigidas pela guerrilha anti-japonesa, estendendo-se a todas as bases guerrilheiras e zonas liberadas. Com a libertação da Coreia, foram abolidos as instituições de ensino particulares e todas as taxas referentes ao acesso ao ensino. Já em 1947, foi instituído amplo sistema de concessão de bolsas de estudo para estudantes universitários e do equivalente ao Ensino Médio coreano. Em 1956 seria estabelecida a educação primário universal e obrigatória, com o mesmo sistema sendo estendido ao ensino secundário em 1958, ambos totalmente gratuitos para toda a população. Em 1972 foi estabelecida a educação universal e obrigatória num período de 11 anos. Desde a sexta sessão da 12ª Assembleia Popular Suprema, em setembro de 2012, é corrente o educação universal e obrigatória para um período de 12 anos. Estes 12 anos são divididos no período de um ano para a educação pré-escolar, cinco anos para a escola primária, três anos para a primeira etapa do Ensino Médio e outros três para a sua segunda etapa. São elegíveis para o circuito em questão todas as crianças entre 5 e 17 anos.

No conjunto deste sistema educacional, há uma atenção especial dispensada pelo Estado para identificar e aperfeiçoar as habilidades das crianças dotadas de talentos notáveis. Assim, aqueles com maior aptidão para a música, artes ou esportes são selecionados e admitidos para centros de atividades diárias ou semanais, como o Jardins de Infância Kyongsang, Taedongmun e Changgwang e, em um estágio mais avançado, na Universidade de Música Kim Won Gyun, na Universidade de Belas Artes de Pyongyang e na Universidade Coreana de Educação Física. (SIM, 2017)

Àquelas com maiores aptidões para as ciências naturais, são destinadas instalações como a da Escola Média nº 1 de Pyongyang, que possui centros similares em todas as províncias. Esta última, destinada aos estudantes com maiores aptidões atestadas pelos testes de QI, ocupa uma área de 70.000 m<sup>2</sup> no Distrito Pothonggang, em Pyongyang, com mais de 28.000 m<sup>2</sup> em área construída. É equipada com fatura de laboratórios de física e química, salas de computadores, salas de músicas, instalações para ginástica, piscinas e uma biblioteca com mais de 100.000 livros. Não por acaso, de lá saíram uma porção de medalhistas de ouro da International Mathematics Olympics. Participante da Olimpíada desde 1990, a RPDC já conquistou 22 medalhas de ouro - a título de comparação, o Brasil conquistou, até hoje, 10 medalhas, sendo participante desde 1979<sup>4</sup>.

Ainda que com especial atenção para o aperfeiçoamento dos centros de excelência, a RPDC também presta grande incentivo ao desenvolvimento, pelos alunos, de atividades

---

<sup>4</sup> <https://www.imo-official.org/results.aspx>



extracurriculares. Assim, em distintas partes do país são encontradas instalações-modelo como os chamados “palácios” para crianças em idade escolar, os salões estudantis, os acampamentos infantis e as bibliotecas estudantis. Em Pyongyang, destacam-se as instalações do Palácio das Crianças Escolares Mangyongdae (imagem abaixo), o Palácio de Pyongyang para Estudantes e Crianças, o Salão Central da Juventude e o Acampamento das Crianças Mangyongdae.

Dentre as visitas realizadas pela delegação, certamente o Palácio das Crianças Escolares Mangyongdae foi uma das visitas mais marcantes. Inaugurado em maio de 1989, o palácio é destinado para as atividades extracurriculares estudantis, tendo passado por ampla reforma no ano de 2015. A arquitetura do edifício representa a imagem de uma mãe com os braços abertos para abraçar suas crianças. O palácio conta com um salão científico (com ênfase em ciência e tecnologia, física e computação), um salão artístico (com atividades para bordado, caligrafia, kayagum - harpa coreana -, instrumentos de corda e corais; um campo de treinamento gerais para instrumentos musicais tradicionais e conjuntos eletrônicos; além de outros treinamentos específicos para outras várias atividades artísticas), um grande teatro, instalações com piscinas e um ginásio para competições esportivas nacionais e internacionais. O palácio acomoda cerca de 5.000 estudantes por dia, todos atendidos após seus turnos escolares, direcionados para as atividades de suas preferências. (HYOK, 2017)



Concernente ao ensino superior, cabe verificar que inexistiam universidades ou faculdades na parte norte do território coreano no período anterior ao final da guerra de libertação, de 1945 (SIM, 2017). Assim, ainda em 1946 foi construída a Universidade Kim Il Sung. Logo seria inaugurada a Universidade de Tecnologia Kim Chaek e outras várias instituições para o ensino superior. Além destas duas, encontram-se, hoje, em Pyongyang a

Universidade de Educação Kim Hyong Jik, a Universidade de Arquitetura de Pyongyang e a Universidade de Ciências. Todas as províncias possuem universidades e faculdades.

Principal universidade do país, a Universidade Kim Il Sung tem sede no Distrito Taesong, em Pyongyang, abrangendo as faculdades de medicina, agricultura, direito, literatura, ciências da computação, economia, história, filosofia, línguas estrangeiras, matemática, física, química, ciências da vida e geografia. Também conta em suas instalações com uma academia para as ciências de ponta, com seus subordinados institutos de nanotecnologia, tecnologia da informação, materiais eletrônicos, bioindústria e de análise e experimento de equipamentos científicos.

No que tange ao acesso da população às instituições educacionais, existem modalidades de ensino para além da regular, que contempla os 12 anos de educação geral seguidos pelo ingresso nas faculdades e universidades. São os casos do *Estudando Enquanto Trabalha*, composto por escolas organizadas nas fábricas e no campo, ou por cursos à distância. Assim, milhares de pessoas pelo país participam de cursos vinculados com as universidades e faculdades. A Universidade de Tecnologia Kim Chaek encontra-se na vanguarda do desenvolvimento nacional de cursos à distância, priorizando cursos vinculados com mecânica, metalurgia, engenharia eletrônica e de materiais, indústria leve, indústrias de alimentos e bens de consumo, gestão empresarial, tecnologia da informação e línguas estrangeiras (SIM, 2017).

A prioridade do ensino superior coreano concentra-se no desenvolvimento de ciências e tecnologia para fornecer alternativas ao país diante do bloqueio econômico que vem sofrendo. Desta forma, inúmeras são as políticas que incentivam pesquisas alinhadas com as demandas da construção do nação, visando atingir os setores de ponta dos principais ramos tecnológicos. Frente às condições impostas ao país, os êxitos são evidentes. No que tange à tecnologia espacial, ainda em agosto de 1998 foi lançado, com sucesso, o primeiro satélite terrestre artificial do país, o Kwangmyongsong 1. Posteriormente, seriam lançados em abril de 2009 o Kwangmyongsong 2 e em 2012 o Kwangmyongsong 3-2. Em fevereiro de 2016 o satélite para observação terrestre Kwangmyongsong 4 atingiu a órbita. Assim, o governo estabeleceu metas para a Administração Nacional do Desenvolvimento Aeroespacial, visando centralizar e impulsionar as atividades vinculadas à área. Dentre os principais institutos científicos do país, destacam-se a Academia de Ciências do Estado, a Academia de Ciências Sociais e a Comissão Estatal para de Ciência e Tecnologia.

### Considerações finais

Quando se observa a realidade da RPDC, vê-se que há uma campanha sistemática de desinformação, combinada com abordagens, no mínimo, etnocêntricas. Nem as disfunções e contradições coreanas são incompreensíveis, dado suas circunstâncias, tampouco são tão únicas como se faz crer. É comum naturalizar ou não produzir estranhamento a sucessão hereditária em monarquias europeias e/ou culto à personalidade da Tailândia; a militarização de Israel; o monopólio midiático em certos países ocidentais; as dificuldades socioeconômicas similares em outros países da Ásia Oriental (e além) como Filipinas, Indonésia, Laos, Malásia e outros; etc.

Ou seja, as dificuldades e desafios enfrentados pela Coreia Popular estão inscritos em seu espaço e tempo. Ao invés de surpreender, causa espécie a resiliência e a capacidade de sobrevivência digna do país frente às tantas dificuldades territoriais, econômicas e geopolíticas que lhe são impostas - sobretudo para nós, habitantes de um país gigantesco e com enormes riquezas como o Brasil, mas que, infelizmente, tem optado por uma posição subalterna no atual concerto internacional das nações.

Em suma, visitar a RDPC é uma espécie de terapia que serve, antes de qualquer coisa, para um balanço das nossas próprias experiências sociopolíticas. Aliás, essa foi a proposta do interessante filme intitulado *Propaganda* (<https://www.youtube.com/watch?v=G7FAn3JZ7NQ>), do cineasta neozelandês Slavko Martinov. O objetivo deste 'falso documentário' foi propor um exercício mental aos ocidentais para problematizar nossa vida - a partir do que poderia ser a visão dos coreanos sobre nós. Ou seja, é nítido que quando apontamos um dedo para a Coreia, outros três se voltam contra nós, basta refletir criticamente.

### Referências:

- HYOK, Kim Jun. Panorama of Pyongyang. Pyongyang: Foreign Languages Publishing House, 2017.
- NAM, Choe Su Nam; IL, Pak Kum. DPRK: seven decades of creation and changes. Pyongyang: Foreign Language Publishing House, 2018.
- SIM, Om Hyang. Understanding Korea: Culture. Pyongyang: Foreign Languages Publishing House, 2017.
- SONG, Kim Chang. Understanding Korea: Nature. Pyongyang: Foreign Languages Publishing House, 2016.

SUN, Jong Hwa. Understanding Korea: Economy. Pyongyang: Foreign Languages Publishing House, 2016.

VISENTINI, P.G.F.; PEREIRA, A.D.; MELCHIONNA, H.H. A revolução coreana: o desconhecido socialismo Zuche. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

YONG, Han Su. Understanding Korea: Defence. Pyongyang: Foreign Languages Publishing House, 2016.

\_\_\_\_\_ Understanding Korea: Politics. Pyongyang: Foreign Languages Publishing House, 2016.

YON, O Hae; SIL, Kang Ryon; CHAN, Han Bong. Panorama de Coreia. Pyongyang: Foreign Languages Publishing House, 2017.